

**Círio de Nossa Senhora da Conceição, expressão de patrimônio
imaterial do Oeste do Pará**

*Cirio of Our Lady of Conception, the expression of
immaterial patrimony of Western Pará*

Ivanilce Silva dos Santos

Universidade do Estado de Santa Catarina
ivanilce.santos@bol.com.br

Resumo: Pretende-se neste trabalho apreender o Círio de Nossa Senhora da Conceição como uma manifestação religiosa integrante do Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado do Pará. Procurarei ainda delimitar os elementos do Círio, inseridos na longa tradição como: a procissão, o arraial, a transladação, a imagem da santa. Pretende-se assim fazer um breve inventário dos aspectos simbólicos e culturais. Para tanto refletir sobre patrimônio, sob o ponto de vista de Hartog, que lida com a experiência do transcurso do tempo e seu resultado para o conjunto de realizações humanas.

Palavras-chaves: Círio, Patrimônio imaterial, celebração

Abstract: The aim of this paper is to grasp the Cirio of Our Lady of Conception as a member of religious expression and integrate Cultural Patrimony of the State of Para will also seek to define the elements of the Cirio, inserted into the long tradition as the procession, the camp, the moving, the image of the saint. The aim is to make a brief inventory of cultural and symbolic aspects. To reflect as much about patrimony, from the point of view of François Hartog, which deals with the experience of the passing of time and its result for the set of human achievement .

Keywords: cirio, immaterial patrimony, celebration

Histórico

O Círio de Nossa Senhora da Conceição faz parte do calendário oficial de festas tradicionais do município de Santarém, Estado do Pará, sendo realizada entre os meses de novembro e dezembro. Segundo o Historiador Paulo Rodrigues dos Santos, em sua obra, “Tupaiulandia” à devoção a Nossa Senhora da Conceição teve origem em 1661, momento em que os jesuítas criaram uma Missão junto a aldeia dos índios Tapajós, onde levantaram um Cruzeiro e consagraram a nascente Missão à Virgem. Há relatos de que eram realizadas três festividades principais: Natal, Pentecostes e a da “padroeira”.

Esse festejo englobava várias celebrações: Batismos, casamentos, crismas e novenas,

atraíam inúmeras pessoas da Região do Baixo Amazonas. Nas primeiras edições, o início da festividade se dava com o levantamento do mastro, onde se içava uma bandeira com a efigie da Santa e o término da festa ocorria com a derrubada do mastro. Esse ritual teria dado origem ao que os historiadores regionais identificaram como Círio da Bandeira que mais tarde daria origem ao atual Círio. Há indícios de que a Festa de Nossa Senhora da Conceição tomou um novo fôlego a partir de 1844, quando foi fundada a “Confraria de Nossa Senhora da Conceição”, que teria como objetivo celebrar o culto à Virgem no dia 08 de dezembro. O estatuto dezoito, dessa confraria, propunha certa organização à festa uma vez que, determinou que a festividade seria marcada por novenas, missa e procissão, além de no artigo vinte instituir que a festa anual teria um juiz, uma juíza, vinte mordomos e dez mordomas.

Conta-se que era grande o número de visitantes à cidade, por isso muitos acampavam próximo a Igreja da Matriz dando origem a intenso comércio, fluxo de pessoas e surgindo assim o Arraial que se constituía por leilões de prendas e animais doados geralmente por famílias ilustres da cidade.

Há relatos de que nos primeiros anos havia barracas de jogos de azar, bandas de músicas que se alternavam no coreto, o consumo de sorvetes, de açaí, e caldo de cana-de-açúcar. Nas noites da festividade havia a subida de balões coloridos fabricados por um ilustre morador da cidade, o Professor Carvalho.

Em 1932 criaram a “Barraca da Santa”, que logo virou ponto de encontro de famílias tradicionais. Tradicionalmente o povo procurava se apresentar com roupas e sapatos novos algo percebido pela agitação no comércio local, nos ateliês das costureiras e nos passos desalinhados das pessoas durante as celebrações e o arraial, devido às bolhas resultantes da estréia dos calçados novos.

O Patrimônio histórico e o tempo presente

François Hartog ao introduzir a noção de Regime de Historicidade, propôs a compreender o tempo histórico e nossa relação com o mesmo, ou seja, como os sujeitos constroem suas experiências e as percebem, como se processam as imbricações entre passado, presente e futuro. Em comunhão com Reinhart Koselleck compreende que entre o fim do século XVIII mais precisamente o ano de 1798 e o século XX, por volta de 1989 se

observou o predomínio do regime moderno de historicidade em que o olhar para o futuro domina graças à crença na marcha da humanidade em direção ao progresso linear e contínuo. Doravante, com o enfraquecimento e crise desse regime nos anos finais do século XX se observou tentativas de elaborar novas relações e imbricações entre o passado, o presente e o futuro e novas concepções à respeito da História, que ele denominou de Presentismo, onde a história teria como foco o presente. Um presente alargado marcado pela aceleração do tempo, pela sociedade de consumo, pelas inovações tecnológicas e incertezas do futuro. Tal temor pelo porvir influenciou em certa medida, a febre patrimonialista que caracterizou os anos finais do século XX, pautada na busca pela memória e identidades dos povos, com o intuito de conservar as raízes os bens materiais e imateriais como cerâmicas, monumentos, modos de vida, paisagens e outros .

Posto isso as análises de Hartog, nos ajudará a entender o tempo histórico não como sendo único e linear, mas marcado pela sobreposição e assimilação de diferentes temporalidades em dado momento histórico, nos permitirá analisar as preocupações com a preservação do patrimônio cultural expresso nas três últimas décadas, através de ações de instituições públicas ou privada, como um fenômeno fruto da ruptura do regime de historicidade, que se apresenta hipertrofiado e se constitui pela tensão entre a amnésia e o dever de memória.

Constata-se que as iniciativas de patrimonialização de bens culturais se deve a tentativa de se preservar a memória social coletiva, definida como necessária ao processo de constituição das identidades e da cidadania. É notório, portanto que as novas abordagens romperam com aquela velha concepção de que patrimônio histórico e cultural é apenas um acervo de documentos e obras raras, ou se trata de apenas prédios antigos que teria como função principal rememoraros de forma nostálgica algum passado remoto.

O Círio como Expressão de Patrimônio Imaterial

Como ocorrido na França no Brasil, observou-se também semelhante preocupação com a patrimonialização, expressa através da Constituição Federal, no seu art. n 216 que define:

Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e

1905

imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - As criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - As obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - Os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Assim de acordo com a legislação em vigor, Patrimônio Imaterial são as representações, celebrações, conhecimentos e criações culturais de caráter dinâmico, complexo e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social. Isto é, consiste em algo transmitido de geração em geração, é reconstruído, faz parte do cotidiano e é geralmente reconhecido pela população como elemento constituinte de sua identidade.

Com a ampliação do conceito de patrimônio expresso na constituição abriu-se a possibilidade de entendermos o Círio de Nossa Senhora da Conceição, como expressão de Patrimônio Imaterial, para isso faz-se necessário recuperarmos a trajetória do Círio, bem como sua amplitude social, política, cultural e econômica. Haja vista tratar-se de uma festa complexa, que agrega elementos sagrados e profanos, pois representa além de procissões e ladainhas tempo de arraial, de bebida abundante, de diversão no parque, de namoro e encontros.

Deste modo, se constatou que a atual configuração do Círio, seguindo o modelo da Festa de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, data de 1919. Neste tempo a efigie foi abolida e deu lugar à Imagem de Nossa Senhora da Conceição, na procissão de abertura.

O Círio nem sempre se iniciou no último domingo do mês de novembro, era tradição se iniciar no dia 28 de novembro que era feriado municipal, mas esta data foi motivo de embate entre a Gerência do Banco do Brasil, que inaugurara sua agência em 1941 e a Diocese. A gerência afirmava em jornal local, que não era oportuno para o comércio ter dois feriados, um no dia 28 de novembro e outro no dia 08 de dezembro, data inicial e final, respectivamente da festa. Em comum acordo com o comércio, a diocese optou por manter o início da festividade para o último domingo do mês de novembro.

A celebração atualmente tem início com a Transladação na noite que antecede a procissão do Círio. A transladação é o deslocamento da Imagem da Catedral à Igreja de São

Sebastião local de saída no dia seguinte da Procissão do Círio pelas principais ruas da cidade, no trajeto que sofreu alterações ao longo dos anos, e que corresponde a cerca de 10 km. As ruas são ornamentadas de balões, faixas, bandeirinhas, etc. A letra do Hino Oficial é cantado exaustivamente durante a festividade. Os megafones, os auto-falantes observados nas década de 1970 e 1980, deram lugar a trios elétricos modernos nas duas últimas décadas. As canções entoadas pelos corais são acompanhadas por coreografias, palmas, danças inspiradas nas reuniões carismáticas. É um percurso onde se ver ladaínhas, gritos, saudações, ex-votos e outros.

A imagem que percorre a procissão foi fabricada, possivelmente na primeira metade do século XIX, sendo confeccionada como imagem roca em estilo espanhol, feita em madeira oca, não possui cabeleira e nem membros articulados. Por isso, tornou-se tradição a feitura de mantos, indumentárias e rosário, além da entrega de cabelos de devotas para a confecção de perucas. A atual imagem peregrina foi substituída por outra em 1931, e retornou a pedido dos fiéis em 1961. A Imagem de Nossa Senhora da Conceição é sobrevalorizada nos hinos, nas orações, nas procissões. Nas orações é priorizada a santidade, o amor, a devoção, a fé e confiança na santa. A imagem da padroeira carrega em si própria, um arcabouço simbólico muito interessante e plural. Em cima da Berlinda ou do andor, aproxima-se de uma realeza, pois geralmente é adornada com seda pura, pedras preciosas no seu rosário e coroa, além de cabelos naturais bem tratados. Contrastando com os pés que estão calçados em um simples par de sandálias, que fazem referência possivelmente aos caminhos da humanidade, que se encontra longe da proteção celestial e dos caminhos que o levam para os céus, além de enfatizar a humildade da virgem, e os seus passos leves e livres em direção ao céu. As mãos unidas representam o papel desempenhado por Maria, como nossa mãe espiritual, que invoca a Deus em nosso favor. Seu olhar dirigido pra baixo possivelmente representa o seu olhar protetor e misericordioso direcionado a humanidade.

A corda por sua vez foi instituída em 1971, sob influencia do Círio de Nazaré, e permanece até os dias atuais, sendo feita de sisal é geralmente doada por empresas da região e possui cerca de 200 metros. Há dois lados distintos: o das mulheres e dos homens. Todos se apresentam descalços durante toda a romaria, ocorre costumeiramente uma disputa acirrada por esses lugares, algumas pessoas costumam madrugar no local da saída do círio para garantir sua posição na corda. '

Nas duas últimas décadas, observou-se o acréscimo de outros elementos do Círio de

Nazaré, nesta festividade como em 1992, quando inseriram o círio fluvial que não teve muitos adeptos, e acabou sendo extinto em 1995 e substituído por uma carreata como ocorre em Belém, com a participação de motocicletas e automóveis que cruzam as ruas da cidade de Santarém que não são alcançadas pela procissão. Em 2007 criou-se também o Círio das Crianças, como forma de incentivar o Culto Mariano entre as novas gerações. Em 2008 instituiu-se a Peregrinação, que constitui na visitação da Santa às repartições públicas e privadas como: escolas, bancos, correios, Polícia Rodoviária Federal, Universidades, Empresas e residências. São em média 200 visitações nos dois meses que antecede a festa. Por conta da influência direta de elementos do Círio de Nazaré, costuma-se associar o Círio de N. Sra. da Conceição a uma réplica do Círio de N. Sra. de Nazaré, no entanto, não podemos considerar tal abordagem, pois correríamos o risco de fazermos uma análise simplista, pois as permanências e rupturas marcam os processos históricos, e determinado fenômeno não se apresenta de forma idêntica em distintos espaços, e com distintos sujeitos históricos, tanto é verdade que o almoço familiar, marca característica do Círio de Nazaré, não se tornou uma tradição em Santarém, e a procissão fluvial na véspera do círio, introduzida em 1992, acabou sendo abolida, em vista do baixo número de participantes, embora a imprensa e as autoridades eclesiásticas tentassem inculcar na população tal prática.

Um elemento que de certa forma deu um novo impulso a essa festividade foi a Caminhada de Fé com Maria, que iniciou em 1995, com cerca de 150 participantes a partir de uma dissensão na diretoria da festa, e que atualmente conta com a participação de cerca de 50 mil pessoas. A Procissão tem origem na Igreja de Santo Antonio no município vizinho de Mojuí dos campos até a Catedral de Nossa Senhora da Conceição, em Santarém, um percurso de 37 km que dura mais de doze horas. Tal romaria, tornou-se também um momento de peregrinação, penitência, pagamento de promessas e demonstração de fé. Encontramos uma miscelânea de rostos mestiços, suados, sofridos, cansados, alegres e entusiasmados. As idades são as mais variadas, os comportamentos são de apreciação, devoção, sacrifício, curiosidade e solidariedade. Exemplo disso é o grande número de pessoas que se mantém ao longo do percurso distribuindo água, café e pão. A organização da festa comercializa kits do Círio como: Bonés, leques e camisas com a Imagem da Padroeira, com o objetivo de criar certa identidade à festa e adquirir recursos.

O Círio de Nossa Senhora da Conceição é um acontecimento que envolve, direta ou indiretamente, a população do Oeste do Pará, estendendo sua influência para além dos limites

de Santarém. A devoção à N. Senhora da Conceição é parte do cotidiano das populações de Itaituba, Alenquer, Monte Alegre etc. Manifesta-se através dos altares domésticos, das instituições governamentais, dos meios de comunicação, etc. Contribuindo, sem dúvida, para o estreitamento dos laços entre esses municípios.

Como vimos à celebração mobiliza inúmeros devotos que buscam pagar promessas e agradecer as bênçãos alcançadas. Estimula o comércio, o turismo da região. Proporcionando momentos de reflexão, de solidariedade e devoção. A festa da conceição como é popularmente chamada, ainda não adquiriu o título de Patrimônio Imaterial, mas possui uma série de predicados que a associam a tal atribuição.

Deste modo, como observado acima o Círio de Nossa Senhora da Conceição apresenta elementos inseridos na longa tradição como: a procissão, o arraial, a trasladação, a imagem da santa. Além de apresentar elementos da identidade local e nacional, tanto materializados, quanto simbólicos como a presença do Caboclo, do pagador de promessas, da rezadeira, das beatas, dos pratos regionais, da música regional; e simbólicos como os rios humanos, isto é, o número elevado de devotos acompanhando as procissões, a religiosidade, a ornamentação do manto e da peruca da Santa, igualando-a à imagem de uma rainha, com adornos dourados, jóias de ouro, manto de seda, embora também associada ao artesanato e arte local, desenvolvido por artistas da terra como o produzido a partir de fibras de juta, por uma artesã reconhecida mundialmente e natural de Santarém, D. Dica Frazão ou outros mantos produzidos pelo Artista Plástico Laurimar Leal .

Pretendeu-se portanto fazer um breve inventário das atitudes, comportamentos, representações culturais e simbólicas da festa levando em consideração que todo tipo de análise e de ação de salvaguarda, inclusive a que reconhece elementos que a caracteriza como patrimônio imaterial, significa uma intervenção em todo um conjunto de relações concretas e imediatamente vividas por um grupo ou comunidade. Todavia, a análise do círio sob esse enfoque, nos ajudará a entender como se dão as permanências, as rupturas, as mudanças e as relações entre sagrado-profano, nas celebrações de cunho popular e religioso ao longo dos anos.

Como vimos, à festa de Nossa Senhora da Conceição não é um evento isolado, pois quebra o ritmo regular do cotidiano, promove a sociabilidade e o sentimento de pertencimento e identidade, além de possuir intrínsecas relações com os aspectos políticos, econômicos e sociais. Constitui, portanto, um momento especial onde se podem captar as paixões, as

experiências, as expectativas, as tensões e conflitos do cotidiano. Mas também é um tempo de confraternização e de comunhão. Logo, faz-se urgente as discussões sobre patrimonialização de bens culturais como este, a fim de entender as implicações sócio- culturais deste fenômeno, na história do tempo presente e colaborar com a produção de inventários, pesquisas, registros e difusão do respectivo patrimônio.

Referências

Diocese de Santarém-PA, Revista da Festa de Nossa Senhora da Conceição, jan/dez. 1975.
Diocese de Santarém-PA, Revista da Festa de Nossa Senhora da Conceição, jan/dez. 1979.
Diocese de Santarém-PA, Revista da Festa de Nossa Senhora da Conceição, jan/dez. 1982.
Diocese de Santarém-PA, Revista da Festa de Nossa Senhora da Conceição, jan/dez. 1983.
Diocese de Santarém-PA, Revista da Festa de Nossa Senhora da Conceição, jan/dez. 1984.
Diocese de Santarém-PA, Revista da Festa de Nossa Senhora da Conceição, jan/dez. 1985.
Diocese de Santarém-PA, Revista da Festa de Nossa Senhora da Conceição, jan/dez. 1989.
Diocese de Santarém-PA, Revista da Festa de Nossa Senhora da Conceição, jan/dez. 1991.
Diocese de Santarém-PA, Revista da Festa de Nossa Senhora da Conceição, jan/dez. 1999.
Diocese de Santarém-PA, Revista da Festa de Nossa Senhora da Conceição, jan/dez. 2002.
Diocese de Santarém-PA, Revista da Festa de Nossa Senhora da Conceição, jan/dez. 2003.

CEVASCO. Maria Elisa. Dez Lições sobre Estudos Culturais. Ed Boitempo, 2ª edição, São Paulo.

CERTEAU, Michel, GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. A Invenção do Cotidiano 2. Morar, Cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. A beira da Falésia. Ed Universidade Federal do Rio Grande do SUL, 1ª Ed, Porto Alegre, 2002.

DE LUCA, Tânia Regina. Um repertório do Brasil: tradição e inovação na Revista Nova. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 13, p. 97-107, jul.-dez. 2006. Disponível em: < <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF13/tania%20de%20luca.pdf> >. Acesso em : 18 agosto,

2011

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p.111-153.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo Martins Fontes, 1992.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, pp.6,7.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na pós-modernidade. 10 ed.Rio de Janeiro,2005.

HARTOG, François. Tempo e patrimônio.Varia História,Belo Horizonte,vol.22,n 36:p.261-272,jul/Dez,2006.Disponível em: <http://www.pucsp.br/downloads/revista/phistoria10.pdf>.

Acesso em: 15 agosto, 2011

HARTOG, François. O tempo desorientado.Tempo e historia.”Como escrever a fehistoria da França.Revista Anos 90,Porto Alegre,n. 7,p.7-28,julho de 1997.Disponível em : <http://seer.ufrg.br/anos90/article/view/6183/3676>> Acesso em: 10 agosto, 2011

PETER. Burke. O que é história Cultural. 2ª Ed, Ed Zahar, Rio de janeiro 2005.

RODRIGUES, Henrique Estrada. Lévi-Strauss, Braudel e o Tempo dos Historiadores In Revista Brasileira de História, São Paulo, v, 29, n.57, p.165-186, 2009.

SANTOS, Paulo Rodrigues dos. Tupaiulândia (Santarém). Imprensa Oficial do Estado do Pará. Belém, 1974.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.